



as armas do povo

n.º 3 mar. 72

EM FRENTE PELA REVOLUCAO POPULAR

Em Portugal, como em todos os países capitalistas, a burguesia continua a explorar violentamente o povo. As condições de trabalho e os salários são miseráveis, as habitações, a assistência médica, as escolas são o pior que há. O povo é arruinado e os frutos do seu trabalho são para encher as algibeiras dos ricos parasitas.

ORGANIZADO

Mas para a burguesia, exploradora que é, não chega o dinheiro que nos rouba directamente, na fábrica. Se um operário produz cada dia no valor de 600 escudos e só recebe 60 como salário, a burguesia acha que os 540 escudos que lhe rouba é pouco e quer mais. Ela quer mais dinheiro para pagar a guerra colonial assassina, a PLDE, a GNR, que oprimem e violentam o povo, para pagar ao Estado que proíbe as cooperativas e lança o exército contra os médicos.

Este dinheiro a mais, onde o vai ela buscar? Ao povo, como sempre, grande vítima do sistema capitalista. E como vai ela buscar este dinheiro? Além de pagar salários de miséria, faz subir os preços sem parar. A vida por isso cada vez está mais cara, e se a revolução popular não acontecesse antes, o dia viria em que nos veríamos reduzidos a viver a pão e água.

O POVO E' INVENCIVEL

Em péssimas condições de trabalho, produzimos 100 para receber 10.0 resto é para o patrão. E que faz ele desse resto? Gasta-o como muito bem lhe apetece, constrói casas no campo e na praia, compra automóveis; e tudo isto enquanto o povo vive em bairros de lata, tem de andar em transportes cada vez mais caros, não tem assistência médica decente, nem escolas em número suficiente. E é preciso não ter ilusões: se um dia começa a haver mais escolas, é porque os patrões precisam de mão de obra especializada que com a emigração é cada vez mais rara, ou porque não conseguem resistir aos trabalhadores que as exigem. Se os transportes um dia ficam um bocadinho melhores é porque os patrões precisam que cada vez mais operários se desloquem às fábricas deles. A eles só lhes interessam os lucros que obtêm explorando-nos e mais nada.

E enquanto todos os preços sobem, o Marcelo e toda a quadrilha do governo vêm com falinhas mansas para nos convencer que a culpa não é da burguesia portuguesa, que é do estrangeiro, que em todos os países capitalistas, os preços sobem, em Portugal também têm de subir....

Sim, os preços sobem em todo o mundo, mas isso só mostra é a fraqueza cada vez maior das burguesias de todo o mundo.

Mas em Portugal os preços sobem só porque o capitalismo de todo o mundo está, neste momento, em maus lençóis? Claro que não, e o Marcelo mais o governo não enganam ninguém. Em Portugal os preços sobem muito mais que em todos os outros países capitalistas. E porquê? Porque a burguesia portuguesa gasta as fortunas que rouba ao povo nos seus luxos e na guerra colonial contra os trabalhadores africanos, irmãos de classe dos trabalhadores do mundo inteiro. E depois, para recuperar o que gastou, volta-se outra vez para nós, para nos explorar mais ainda, e faz subir os preços de tudo! Por isso nós dizemos: Se a vida está cada vez mais cara em Portugal, o grande culpado é a guerra colonial.

LUTAR CONTRA A CARESTIA DA VIDA É TAMBÉM LUTAR CONTRA A GUERRA COLONIAL

A guerra colonial, a subida do custo de vida, e a miséria dos salários são três aspectos duma mesma coisa: a exploração dos trabalhadores, a violência burguesa, o capitalismo.

Mas cada vez mais, todos os trabalhadores têm consciência que dos patrões nada têm a esperar senão a miséria, a exploração, o roubo e a violência. Então vamos deixar-nos explorar e tratar como escravos indefinidamente? Camaradas: à violência e à opressão da burguesia só temos uma resposta a dar: a nossa revolta. Revoltando-nos nada temos a perder senão a exploração e a miséria em que vivemos. Mas esta revolta não pode ser deixada à sorte: temos de saber quais os meios mais certos de a tornar vitoriosa.

COMO LUTAR CONTRA A VIDA DE ESCRAVOS, CONTRA A CARESTIA DA VIDA?

Se os patrões nos exploram e nos roubam e ainda por cima fazem subir os preços, a nossa resposta imediata é a luta por aumento de salários. Esta luta é importante porque nos permite resistirmos melhor à carestia da vida e porque sempre é uma luta contra o patrão.

Esta luta económica tem vantagens que não devemos exagerar nem desprezar:

- ela torna-nos mais unidos ainda, não com palavras, mas na própria luta.
- os patrões e todos os exploradores vão-se desequilibrando, vão perdendo parte da sua capacidade ofensiva, vão-se enfraquecendo, e um enfraquecimento dos patrões é um aumento da nossa força.
- ela traz vantagens materiais que não podemos desprezar, dada a situação miserável em que vivemos.

Para tornar tal luta possível, para que ela seja vitoriosa, não podemos ficar isolados. Temos de estar unidos e organizados, a nossa solução imediata é a organização em bases clandestinas e revolucionárias, a criação de comités de fábrica. Assim podemos começar a atacar o patrão de frente, e duma maneira eficaz.



O povo é invencível!

Mas esta luta na fábrica, esta luta por subidas de salários não é suficiente para combater a carestia da vida, e muito menos para nos libertarmos da opressão em que vivemos.

LUTA NOS BAIRROS

Quanto à luta contra a carestia da vida é preciso alargá-la à grande massa da população, é preciso que em cada bairro o problema seja discutido. É preciso saber como reage a população ao aumento de preços, saber se já houve respostas mesmo isoladas que sejam exemplares.

O dever de todos os trabalhadores, sobretudo dos mais conscientes, é de sempre que haja um tema importante que preocupe as massas populares, partirem daí para lhes mostrar que isso é o fruto do capitalismo, da exploração que não podem ficar quietos enquanto a sua miséria aumenta. Sobre os preços devemos mostrar que eles nunca pararão de subir enquanto houver capitalismo em Portugal, que eles estão ligados à guerra colonial, que com a subida de preços só lucram os capitalistas e mais ninguém, que o povo, não tem nada a ver com os problemas do governo da burguesia, etc.

Para fazer tudo isto, uma das soluções possíveis é a criação de comitês de bairro, por exemplo, que vejam as reações da população, que saibam discutir com ela, que sejam capazes de realizar uma campanha de agitação e propaganda a nível de bairro. Estes comitês têm de conhecer bem os problemas locais, e saber quais as formas organizativas que se mostrem eficazes, numa luta a nível de bairro. Estes comitês de bairro têm também de saber mostrar como a luta de bairro se deve ligar à luta de fábrica, e qual é o tipo de relação entre as duas, em cada caso concreto.

Para combater vitoriosamente os patrões e a subida dos preços devemos organizarmo-nos na fábrica e no bairro, devemos UNIR AS LUTAS DE FÁBRICA, ÀS LUTAS DE BAIRRO.

da luta económica à luta política

Camaradas, para destruir as cadeias que nos oprimem, as lutas económicas, só, na fábrica, no bairro ou onde for, não chegam. Devemos passar a formas superiores de luta.

Porque é que dizemos que as lutas económicas só não chegam? Porque quando arrancamos ao patrão mais uma migalha da sua fortuna, ele encontra logo outros meios para nos roubar de novo aquilo que conseguimos. Não podemos esquecer-nos que cada vez que conseguimos uns aumentos de salários, OS PREÇOS AUMENTAM LOGO MUITO MAIS QUE OS SALÁRIOS, que isso é inevitável no capitalismo, nada mudando portanto na nossa condição de explorados e oprimidos.

Devemos, por isso, desprezar a luta económica?

Não, camaradas. Isso seria cair no esquerdismo, grande doença que devemos manter longe do nosso movimento. Devemos simplesmente pô-la no seu devido lugar. A luta económica é uma forma de luta, que nos serve para melhor resistirmos à exploração, mas não é uma via para acabar com a dita exploração.

Por isso, pensar que lutando só por aumentos de salários e pela melhoria das condições de trabalho, conseguimos vencer a burguesia, é cair no revisionismo, grande inimigo dos trabalhadores.

Duma maneira geral, o que diz o revisionismo? Diz que os meios para re

A LUTA DOS MÉDICOS

Conecta-se em Portugal a escassez de médicos e as deficiências das instalações de assistência. Existem 8.299 médicos para uma população de 8 milhões e meio de habitantes. Estes médicos estão sobrecarregados de trabalho e sem condições mínimas para assegurar a assistência à população. Os doentes que precisam de ser internados não o são por falta de camas, não existem enfermeiros suficientes, técnicos, analistas, aparelhagem de radiografia etc..

A medicina em Portugal tem um carácter profundo de classe: quem tem dinheiro tem direito a ser tratado nas melhores clínicas particulares por ótimos médicos especializados, quem não tem meios, e dentro deste caso está a maioria dos trabalhadores, está condenado às consultas do médico da caixa de providência ou à "assistência" dos Bancos dos Honstais. Em suma, a medicina tal como está organizada "repara" os trabalhadores sem cuidar convenientemente a saúde. A assistência da caixa é um elemento da engrenagem capitalista, destinada a assegurar a rentabilidade máxima da força de trabalho. Só se fornece uma cura mínima, não há qualquer tipo de despiste da doença, de assistência médica constante, de prevenção.

A política do governo tem sido unicamente favorecer a medicina lucrativa das clínicas particulares, dos consultórios, preocupando-se pouco em criar hospitais e uma rede eficaz de assistência para a população. Com efeito, a única solução é a criação de um corpo hospitalar bem apetrechado que permita o tratamento correcto de cada doente. A única linha de saúde que defende os interesses do povo, prevê a doença mediante um sistema completo de exames médicos de prevenção. Por outro lado, os processos de cura permitiram o prolongamento da vida e farão do homem algo mais do que uma simples peça de uma máquina.

Além disto o pessoal hospitalar, enfermeiro e ajudante, tem condições miseráveis de vida e de trabalho, recebendo salários baixíssimos. Várias lutas se têm desenvolvido contra essas condições de trabalho; entre elas, é de realçar a das criadas dos Hospitais Cívicos de Lisboa em 1970.

O ensino universitário da medicina é concebido igualmente para cuidar da saúde da burguesia. Os médicos precisam de passar um internato geral nos hospitais, durante dois anos; ao fim dos quais um exame sanciona a continuação dentro do quadro do hospital ou a sua saída.

Sucede que as condições actuais nos hospitais escolares dão uma formação prática insuficiente aos jovens médicos, isto devido ao facto de as instalações serem insuficientes e por outro lado devido à falta de pessoal docente competente. A única forma de um médico se tornar completamente formado profissionalmente é pela experiência enriquecedora que os hospitais dão. Por outro lado é esse também o único caminho para uma especialização das carreiras, única via capaz de fornecer um corpo médico eficaz e servindo os interesses do povo.

Existe portanto um selecção que impede a entrada definitiva no quadro hospitalar, de muitos médicos. Ora a única maneira de tornar a medicina acessível a toda a população é o hospital, e o dispensário e não o consultório particular com consultas a preços proibitivos.

Os médicos não seleccionados para o internato dos hospitais, muitas vezes inexperientes e pouco seguros das suas capacidades são lançados na vida prática.

Aqui deve fazer-se a distinção entre o médico rico cujo problema de não ter consultório não existe, e o médico recém-formado, sem recursos. Para este último a única solução é o hospital, daí a importância da reivindicação da admissão automática no quadro hospitalar dos jovens internos do 2º ano do Internato Geral, pois só a continuação no trabalho do hospital permite para a maioria, a continuação do exercício da carreira médica.

Durante o ano de 1971, os internos dos Hospitais Cívicos do país fizeram várias tentativas para que o regime de exames de fim dos 2 anos de Internato Geral fosse simplificado. Em Julho de 1971 é-lhes afirmado que se realizaria um teste de saída em Dezembro de 1971. A situação continuaria portanto exactamente na mesma. Em Setembro, quando da publicação do decreto-lei de aplicação desta medida, os internos do 2º ano dos Hospitais Centrais de Lisboa levam um protesto ao Secretário do Estado da Saúde, que os informa que só haveria 240 vagas nos hospitais do país (que correspondia a 50% dos candidatos).

Estas medidas originaram um movimento de solidariedade, primeiro dos internos estagiários, a que se associaram progressivamente os outros médicos e pessoal hospitalar. A partir de 11 de Novembro, a assistência gratuita aos doentes é prestada sem quaisquer formalidades, sem comunicar o trabalho aos órgãos superiores da hierarquia médica. Diante do falhanço de uma campanha de difamação na imprensa e televisão do Ministro Rebelo de Sousa, o governo é obrigado a ceder perante o movimento de solidariedade entre os médicos, o pessoal hospitalar e os estudantes de medicina: 100% de vagas para os internos do 2º ano, o teste a passar será apenas uma formalidade.

Uma medida demagógica é tomada pelo governo, que move os hospitais cívicos sob jurisdição militar, mas na realidade os internos conseguiram vencer e as decisões do governo só aumentam a coesão entre o pessoal ligado aos hospitais e resultaram sem efeitos, tendo sido recentemente retirada.

ORGANIZADO O POVO É INVENCÍVEL

alizer o socialismo são os sindicatos, as reformas sociais e a democratização política! Ora isto é uma grande aldrabice!

Quanto às "reformas sociais" e à "democratização política" nem é preciso falar, porque com a experiência de 46 anos de fascismo sabemos bem o que são as "reformas sociais" e a "democratização"! E os sindicatos, está claro que só servem para arrancar as tais migalhas ao patrão sem acabar de uma vez para sempre com a exploração e a opressão das classes trabalhadoras pela burguesia. Os sindicatos só servem para melhorar parcialmente e durante algum tempo a situação em que vivemos, sem deixarmos de produzir 100 e receber 10, isto é, a ser explorados. A luta sindical não chega, pois, para acabar com a exploração. A luta económica só, não chega.

Então o que é que temos de fazer para lutar ainda mais e duma maneira mais profunda contra a miséria e a exploração?

Devemos lutar contra a burguesia não só no plano económico mas também no plano político. Devemos lutar contra todo o capitalismo, lutar contra a exploração a que somos submetidos, unir-nos e organizar-nos para acabar com o Estado dos patrões, e construir um Estado que nos represente e nos defenda, que não envie o exército contra os explorados, mas que, pelo contrário esteja do lado dos trabalhadores na luta contra todos aqueles que queiram voltar a explorar e a oprimir.

lutar contra todo o capitalismo

- Eis a nossa grande tarefa, aquela de que depende a nossa liberdade definitiva, e a destruição das cadeias que nos oprimem.

Para que esta luta seja uma realidade, não nos podemos esquecer de que qualquer luta contra a burguesia é uma luta que nos diz respeito a todos, não podemos esquecer-nos de que qualquer luta dos operários de tal ou tal fábrica contra o patrão é uma luta entre a classe dos trabalhadores e a classe dos exploradores. Senão, como escrevia uma operária (1), "enquanto os trabalhadores estiverem preocupados em resolver cada qual o seu problema, esquecerão que são responsáveis pelo conjunto desses problemas, não procurarão compreender o motivo, a causa do seu sofrimento, e passarão toda a vida libertando-se dum problema para cair noutro." Devemos, portanto, generalizar as nossas lutas, devemos articular com uma perfeição cada vez maior as lutas de uma fábrica com as lutas de outras, etc.

Mas, todos nós sabemos que em cada luta contra o patrão aparece logo a polícia, a GNR, e todo o arsenal da burguesia. Todo o Aparelho de Estado Burguês se põe em acção, tentando desesperadamente conduzir as lutas operárias ao alhanço, pela força e pela violência. É que o Estado Burguês é o cão de guarda dos exploradores... Por isso não podemos ter muitas ilusões sobre as lutas legais (embora não possamos desprezá-las). A violência organizada dos exploradores, devemos opor uma forma superior de luta: a luta política de que uma das expressões é a nossa violência organizada.

a violência organizada dos explorados

Contra quem se dirige esta violência organizada dos explorados? Contra a burguesia no seu conjunto e contra o aparelho de Estado burguês. É por isso que esta violência é uma violência política.

Quem orienta, coordena e dirige esta violência dos explorados contra os exploradores?

No plano imediato serão as organizações não implicadas na luta e implantadas no seio do povo. Mas a verdadeira organização capaz de realizar uma tal tarefa é o Partido m-l do proletariado e de todo o povo que se forjará na luta, agrupará os operários mais avançados, arrastará consigo todo o povo, e, conhecendo a realidade de Norte a Sul será capaz de "imprimir uma direcção justa, vitoriosa, ao movimento... de levar a classe operária e todo o povo revolucionário à vitória..."

hoje, as questões que o povo defronta

A partir daqui, quais são as questões fundamentais que se levantam, agora ao povo português?

- No plano geral:

- 1) A construção do verdadeiro Partido do proletariado
- 2) A generalização das lutas populares à escala nacional
- 3) A compreensão de que as lutas populares só no plano económico, embora importantes, não chegam para acabar com a violência e a exploração a que o povo é submetido, e de que
- 4) É a luta política violenta contra o capitalismo e o aparelho de Estado burguês que pode realizar o fim de todos os trabalhadores: a revolução popular que conduzirá ao Socialismo e ao Comunismo, realizando a libertação definitiva do povo trabalhador.

- No plano imediato, outras questões, ligadas com as primeiras se levantam:

- A questão da miséria dos salários e da inevitável subida de preços, contra a qual se desencadearão lutas cada vez mais gerais e mais organizadas.

- A da criação de comités de fábrica e de comités de bairro, capazes de levar cada vez mais longe as nossas reivindicações.

- A questão da Guerra colonial, grande responsável da carestia da vida, devido às despesas enormes a que ela conduz.

Por tudo isto, dizemos que a luta contra os salários miseráveis, contra a subida dos preços, as péssimas condições de trabalho, etc, contra o Aparelho de Estado Burguês e contra a guerra colonial são três aspectos duma mesma frente de luta: a luta contra a exploração e a miséria em que vivemos, a luta contra a ditadura dos patrões.

Por tudo isto, dizemos também que a organização de comités de fábrica, de comités de bairro, de comités de soldados, assim como a construção progressiva das condições organizativas que permitirão a criação de um verdadeiro partido do proletariado, são também aspectos duma mesma luta: a luta que conduzirá ao desenvolvimento dos meios organizativos que nos permitirão chegar à grande vitória final.

**em frente
pela revolução popular!**

A LUTA DOS MEDICOS

Foi a força, o espírito de solidariedade, que permitiu ao movimento dos internos do 2º ano obter a satisfação das suas reivindicações, vencendo a campanha de difamação de Rebelo de Sousa que procurou, tanto quanto pôde, por a mobilização contra os médicos.

Finalmente o governo foi vencido, mas o movimento não acabou, o caminho por uma medicina do novo esta por desbravar.

Os médicos poderão continuar o seu movimento com uma força cada vez maior, se souberem cada vez mais estar ao lado do povo, unindo-se às reivindicações do conjunto do pessoal hospitalar, combatendo por uma verdadeira medicina acessível a todos e nunca limitarem-se a satisfazer reivindicações sectoriais que não ponham em questão todo o sistema de medicina ao serviço do capital, pois nesse caso o governo poderá facilmente satisfazer-las e recuar as lutas.

Muitos operários sindicalizados, rasgaram as cartas enojados com tanta traição.

-Então eles que dizem defender - nos pedem a prisão dos nossos camaradas mais combativos.?

-Então eles que dizem que os gauchistas estão a desviar o proletariado das suas verdadeiras reivindicações, que fazem eles para nos defender, para defenderem os nossos interesses ?

-Mais vale trocar um centimo de aumento por dia, e que nos calemos, e abaixemos a cabeça, que nos unir e destruir os que assassinam os nossos camaradas ? São estes os nossos interesses ?

-Nós não queremos trabalhar com uma pistola atrás das costas- dizia um trabalhador negro.

HA MORTOS QUE NÃO PESAM NADA E MORTOS QUE PESAM UMA MONTANHA

Na 29 feira, todas as organizações da extrema esquerda organizaram uma manifestação contra a morte do operário Pierre Overney.

Mais de 50.000 jovens, operários franceses e emigrados, estudantes e intelectuais gritavam :

"Dissolução da Volante" (polícia em civil armada)

"Sim Marchais, será melhor que em Maio de 68!"

"Marchais cúmplice dos assassinos"

"Pierrot foi assassinado pelos fascistas, pelos racistas"

"O Fascismo não passará!"

Em face de tanta força, o P.C.F. virou a casaca. Já apelava então a uma manifestação contra a repressão, lamentando a morte do operário Pierrot.

Camaradas, que os patrões matam quando vêm que o poder dos operários os ameaça, é normal, é a luta de classes.

Como dizem os operários portugueses de Boulogne no seu Jornal local "Armas do Povo" referindo-se ao funeral de Overney:

" 200.000 trabalhadores e estudantes, disseram no dia 4 de Março que o combate que era o de Pierre Overney não tinha acabado, o fim da exploração será uma realidade amanhã. O socialismo não é um sonho, o socialismo é uma lei histórica.

A luta dos operários contra os patrões não é de lamentações mas de ódio. Portanto apoiamos a acção da Nova Resistência Popular (rpto de Nogrette, funcionário na Renault encarregado de despedir os operários mais combativos).

Sete camaradas nossos foram presos, (um deles, Filipe Amorim é português) e 14 foram expulsos da fábrica. Os patrões, o sr. Dreyfus e a direcção da CGT pensam assim fazer da fábrica um paraíso de exploração e traição.

O QUE NUNCA HÁ-DE ACONTECER, POR QUE A UNIDADE DE LUTA ENTRE OS TRABALHADORES NUNCA FRAQUEJARÁ!"

*** **

Camaradas, os nossos interesses são a Revolução.

Todos os que dizem que os nossos interesses são a colaboração, que dizem defender-nos pondo-nos a nós e aos quadros no mesmo saco, para terem mais uns tantos votos na Assembleia, são traidores à nossa classe são burgueses no seio de nós. A nossa revolução varrerá todos os falsos defensores do proletariado e abrirá um futuro vermelho para nós e toda a população, que liberte o homem da exploração feita por outros homens.

O jornal não é só um propagandista e um agitador colectivo, ele é também um organizador colectivo.» (Lénine)

Todos conhecemos bem a importância de um jornal ao serviço das lutas do proletariado. Sabemos que esse é um dos meios mais importantes para quebrar o muro do silêncio que envolve e tenta sufocar os combates que conduzimos dia a dia, hora a hora, contra a burguesia.

Esse jornal será "Armas do Povo", e outros jornais de massas que se dediquem mais directamente às lutas de todos os dias.

Para que esta imprensa se torne cada vez mais útil, para que cada jornal se transforme cada vez mais numa arma nas mãos do operariado e das massas populares, é preciso, é indispensável que nos cheguem constantemente informações e artigos referentes às lutas; assim como, críticas ao que nós escrevemos e com que os camaradas não concordem.

Todos os militantes e todos os núcleos têm de encarar esta actividade como uma das suas tarefas fundamentais, enviando-nos notícias, observações, artigos, fotografias, etc.

Só assim progrediremos até poder atingir o fim que nos propusemos: montar um órgão de imprensa clandestina ao serviço das lutas populares, informando e politizando o proletariado, preparando as condições para a constituição do Partido Comunista M-L, arma indispensável para o enquadramento da luta violenta do nosso povo contra o capitalismo.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !

lê «o grito do povo»

lê «o comunista»

TEXTOS MARXISTAS

- 1 - O papel do trabalho na transformação do macaco em homem - F. Engels
- 2 - Manifesto Comunista - K. Marx
- 3 - A nossa estratégia da guerrilha - Van Tien
- 4 - Socialismo e religião - Lenine
- 5 - As 3 origens - as 3 partes que constituem o marxismo - Lenine
- 6 - Democracia burguesa e ditadura do proletariado - Lenine
- 7 - Crítica e auto-crítica - G. Monnosseau
- 8 - Em armas contra a burguesia - Lenine
- 9 - Os objectivos dos destacamentos armados - Lenine
- 10 - Plataforma da Internacional Comunista

EM ARMAS CONTRA A BURGUESIA

- 1 - Catecismo do soldado
 - 2 - 18 de Janeiro de 1934
 - 3 - Portugal e a NATO
- Edição "ARMAS DO POVO" - "GRITO DO POVO"
- 1 - "Manifesto dos soldados Portugueses"

o que é a GRUNDIG?

O IMPÉRIO GRUNDIG

Organizado pelo antigo nazi Max Grundig, para a fabricação de rádios, televisões, etc. explora 72.000 operários espalhados por vários países: Alemanha Ocidental, Brasil, Portugal e Espanha.

a grundig em PORTUGAL

Fabricação de rádios, transistors, TV, etc. — BRAGA.

1900 operários. 80% são mulheres.

A gerência comercial e técnica e os chefes de secção são alemães (20).

O director da fabrica é o HOFFMEISTER, antigo oficial na zi. Preso em França depois da guerra, conseguiu fugir para o Brasil onde começou a trabalhar na Grundig. Depois de algumas patifarias teve de deixar esse país, acabando por se estabelecer em Portugal. Impõe uma disciplina rigida à fabrica.

Ordenados: mulheres - 40\$00
Homens - 70\$00 por dia.

Produção diaria: radios 2000
televisões 300.

Lucros calculados: 150.000 a
180.000 contos por ano.

OUTRAS fábricas ligadas à grundig

ROEDERSTEIN em Famalicão, e PRHE em Trofa. São empresas associadas que fornecem material acessório (condensadores, bobinas, etc.). Também são dirigidas por alemães.

A Roederstein tem 200 operários que ganham um salario identico aos operários da Grundig em Braga.

antecedentes da luta

VIVA A VITORIOSA GREVE

Esta fábrica foi montada, há 6 anos, beneficiando os alemães de todas as garantias e favores possíveis: privilégios industriais, não pagamento de impostos, etc. Tinham até o direito de meter os trabalhadores nos sindicatos que quizessem!

1968 Como ia sair um novo contrato para os electricistas (Sindicato a que pertencia o pessoal), aumentando os salários das operárias para 80 ou 85 escudos e dos operários para 100 ou 110 escudos consoante as categorias, os alemães tiraram os trabalhadores desse Sindicato e passaram-nos para o Sindicato dos Metalúrgicos! Tudo isto com a cumplicidade do Dr. Pestana, delegado do Instituto de Trabalho de Braga, curiosa personagem que acumula as suas funções de defensor oficial do Trabalho com as de administrador da fábrica de papel de Ruães (Braga), também ligada ao capital alemão. Protesto do Sindicato dos Electricistas que perdia assim a grossa maquia das quotas, protestos fracos e facilmente abafados por parte dos operários, uma pressão fácil sobre o Sind. dos Metalúrgicos para aceitar a vigarice, e tudo correu pelo melhor.

1971 Depois de uma luta (que veio publicada no "AP" nº1), as operárias ficaram a ganhar 40\$00 e tiveram os prémios aumentados: de presença, de antiguidade (mais 1\$00 por cada ano de fábrica), e de produção.

1972 Assinado novo contrato para os Metalúrgicos, que previa como ordenados para as mulheres 2 400\$00 ou 2 600\$00 segundo a especialização. Fazemos notar que os 40\$00 diários que as operárias ganhavam lhes asseguravam uma mensalidade de 1 040\$00 (40\$00 vezes 26 dias de trabalho).

- Que tentam fazer os alemães? Muito simples: mudar novamente os operários de Sindicato, fazendo-os regressar aos Electricistas! (onde, evidentemente se mantinham os antigos salários!)

Mas o Sindicato dos Electricistas, "ferido" com a empresa devido à "traição" de 1968, e receoso de protestos violentos dos operários e do Sindicato dos Metalúrgicos, não aceitou.

- Entretanto, na fábrica, corria o boato de os alemães estarem a tentar essa vigarice; foram perguntar aos chefes se iam para o Sindicato dos Electricistas, e foi-lhes respondido categoricamente que não.

a luta DAS OPERARIAS DA GRUNDIG!



31/1 É o dia de pagamento dos encarregados, mestres e pessoal especializado do laboratório. Os operários são pagos no dia 7 de cada mês. Esse pessoal foi receber o pagamento às 16 horas, e viu-se que no talão não havia nenhum aumento (como havia direito, dado que pertenciam ao Sindicato dos Metalúrgicos, beneficiando assim do contrato recentemente assinado), que o Sindicato indicado era o dos Electricistas (nota: para este Sindicato o desconto é de 20\$00, ao passo que para os Metalúrgicos é de 7\$50), e que não vinha indicada a categoria profissional! Fazemos notar que a indicação no talão de pagamento de o pessoal passar a pertencer ao Sindicato dos Electricistas era absolutamente ilegal, mesmo perante esse Sindicato que nem tinha ainda aceite o pessoal da Grundig!

Na fábrica os protestos alastraram e decidiu-se uma concentração no Sindicato dos Metalúrgicos. Nessa reunião, foi decidido pedir uma audiência especial ao Instituto de Trabalho. Começaram a ouvir-se ameaças de greve, de dar porrada nos Alemães, etc, caso o Dr. Pestana recusasse esse pedido.

2/2 Às 19 horas, o Dr. Pestana recebeu uma comissão constituída por 2 operárias, um encarregado e um empregado (delegados do sindicato na empresa), e pela direcção do Sindicato dos Metalúrgicos. Ao mesmo tempo, concentraram-se cerca de 200 operários e operárias à porta do Instituto de Trabalho. O Dr. Pestana teve medo da concentração dos operários, tentou que ela se dispersasse, mas os operários continuaram firmes. O delegado do Instituto ouviu todas as queixas apresentadas pelas operárias, concordando "que era um roubo" (!), que ia castigar a Grundig, etc. No fim da reunião (que durou hora e meia em vez de um quarto de hora como o Dr. Pestana tinha dito...), a comissão saiu pela porta de trás para não encontrar os operários, cedendo assim ao que o Dr. Pestana lhes tinha pedido. Só as duas operárias saíram pela porta da frente e informaram os trabalhadores que esperavam o resultado da discussão com o Instituto.

3/2 Grande entusiasmo no meio dos trabalhadores. Reunião no Sind. dos Metalúrgicos com cerca de 300 operários e operárias. Nesta reunião a direcção do Sindicato tomou posições extremamente legalistas, respondendo aos gritos dos operários "Vamos para a greve!", com autênticos baldes de água fria: "A greve é ilegal!", "O Sind. não se responsabiliza!", "Não temos força!", etc. Muitos operários começaram a desmoralizar. Nessa altura, os operários mais conscientes, começaram a dizer que se tinha de paralizar o trabalho no dia 7, se as coisas corressem mal, se o Instituto de Trabalho não fizesse o que tinha prometido, se o patrão Hoffmeister continuasse na sua de os querer explorar ainda mais.

4/2 Os Alemães percebem que as coisas estão "quentes" e avisam a comissão que tinha ido ao Inst. que seria novamente recebida nesse dia às 21 horas. O Dr. Pestana informa que, afinal, a Grundig tinha razão, porque não estava inscrita no grémio dos Metalúrgicos, e por isso, não era obrigada a cumprir os contratos da Metalúrgia. Depois de uma discussão à roda das leis entre o Dr. Pestana e o Dr. Marques (advogado do Sind. Dos Metalúrgicos), surge uma pergunta da comissão que lança o pânico: "e na segunda feira, como irá reagir o pessoal?" Então, o Dr. Pestana telefona para o Rodrigues (consultor jurídico do patrão da Grundig), a pedir conselho. Aquele propõe que sejam os encarregados a dar a notícia ao pessoal. A comissão diz que os operários não ligam aos encarregados, que era melhor que fosse o Dr. Pestana. Este tenta empurrar para o Sind. e para o Dr. Marques e acaba por levar a sua avante. O texto a comunicar aos operários era: "Tenham calma, aceitem o salário, e aguemtem porque às 19 horas há reunião do Sindicato."

- Tratava-se de pura sabotagem e de colaboração com a empresa. Os operários mais conscientes sabem dessa história, denunciam-na e ameaçam com a reacção do operariado.

7/2 A direcção do Sindicato acagaça-se e acaba por fazer sair um comunicado onde denuncia a posição intransigente da direcção. Esse comunicado, foi largamente distribuído e começou a espalhar-se no operariado a palavra de ordem de paragem do trabalho se o pagamento fosse o mesmo.

16h.30 A primeira secção a ser paga (a da Televisão), vendo que o salário era o mesmo, parou o trabalho. Todas as secções pararam, umas operárias receberam, outras nem cueriam receber. Não houve fura greves, nem cobardes. Muitas operárias apertaram outras que estavam hesitantes por causa de uma encarregada bufa: "Olha que se não páras, atiro-te ao rio!", "dispo-te e vais toda nua para casa!", "Chego-te ao pelo!", etc. Viveram-se grandes momentos de alegria por se ter conseguido criar a unidade entre os trabalhadores.

19 h. - Reunião na sede do Sind. com 500 operários. O advogado felicita os trabalhadores por essa posição, tirando-lhes as ilusões dos recursos legais nos tribunais. Dado que já se falava abertamente em greve e em agitação, a PIDE e a polícia começaram a rondar a porta do Sindicato.

8/2 Continua a greve. ÀS 9 horas, a direcção da empresa, propõe que se constitua uma comissão com representantes por cada secção para ir falar ao Dr. Pestana. Essa comissão foi ao Instituto, e o Pestana meteu-lhe medo. Os operários informados, reagem bem e não cedem. Nesse dia sucedem-se as manobras de intimidação e divisão do operariado: Rodrigues defende a Grundig nos auto-falantes, um Inspector do Trabalho diz que "se as coisas não se resolvem a bem, o Min. das Corporações passa isso a outro Ministério...", que "quem não quiser trabalhar não entre na fábrica", etc. Os operários percebem a manobra, entram todos na fábrica e ninguém trabalha!

16h.30 À rasca, os Alemães propoem discussão com a direcção do Sindicato. Acabam por prometer um aumento, não sabiam quanto, só podiam dizer no dia 10 de Março e propunham discussão final no dia 20 de Março.

GREVE DAS OPERARIAS DA GRUNDIG !

9/2 - De manhã, o Dr. Marques do Sindicato comunica o que se tinha passado e pede a opinião dos operários. Estes continuam firmes nas suas posições. Hoffmeister recusa; entretanto o Governador Civil (Santos da Cunha), combinava com ele a possibilidade de fazer intervir a polícia. Começam as represálias sobre o operariado - corte do aquecimento, das luzes e da cantina.

15 h. Concentração de forças policiais em frente da fábrica : cerca de 100 polícias e guardas republicanos e uma brigada da Pide de 18 elementos, comandada pelo Dr. Cunha, sub-director da Pide do Porto, e pelo chefe de brigada Ferraz.

A Pide dirige-se à gerência, é recebida com bebidas na cantina, e começa a chamar secção por secção. Entretanto, a PSP controla as portas. O Dr. Cunha começa a discursar, dizendo que "eles tinham que trabalhar, o problema dos salários era outra coisa." Depois dá ordens ao Ferraz para chamar as operárias uma a uma e as intimidar. Sucederam-se as ameaças e as violências: "quem te mandou parar?", "quem organizou isto?", "quem é o teu chefe?". Uma operária respondeu: "o meu chefe é a minha folha de salário!", sendo apoiada por gritos e gargalhadas das operárias. A Pide começou então a mostrar a sua verdadeira máscara de assassinos ao serviço do capital: tentavam forçar as raparigas a sentar-se nos postos de trabalho, empurravam-nas, davam-lhes beliscos, injuriavam-nas. As operárias reagiam corajosamente, defendendo com vigor a sua razão e os seus direitos. Outras raparigas (cerca de 15), desmaiam com medo e vão para a enfermaria. Uma rapariga grávida, desmaiou e mais tarde veio a abortar. Sucediavam-se os choros e os gritos de raiva contra os Pides: "Filhos da puta!", "Vão-se embora, seus malandros!", etc.

Um operário atirou-se à porrada contra os Pides. Prenderam-no, algemaram-no, fizeram-lhe as mesmas perguntas provocatórias, e acabaram por soltá-lo.

A Pide começa a ficar à rasca, pois os trabalhadores começam a cercá-los e a querer atirar-se a eles: Tudo isto se passava num dos pavilhões da fábrica; no outro pavilhão ninguém sabia o que se estava a passar. Mas, quando viram as trabalhadoras serem transportadas em braços, para a enfermaria, desmaiadas e feridas, as secções juntam-se e os operários revoltados gritam: "Vamos lá acima aos escritórios falar com o filho da puta do Alemão!" Vão ao escritório, mas o cabrão não estava lá. Dirigem-se ao gabinete do director técnico, outro alemão, o Sudermann, e arrombam-lhe a porta a pontapé. Irados, armados com barras e com facas, os operários perguntam-lhe: "Quem chamou a polícia?", "Somos alguns cães?", "É assim que respondem aos nossos direitos?". Acagaçado, quase de mãos postas, o Sudermann grita: "Jurro que não fui eu! Para que a polícia vos fizesse mal, teria de passar por cima de mim!"

Então os operários exigem-lhe que vá ao outro pavilhão fazer parar a polícia, senão partem tudo. E muitos operários começaram mesmo a escavar caixas e material desses sacanas. Os Alemães acagaçados, põem-se à frente da polícia à porta da fábrica, e pedem "Por amor de Deus," que eles não entrem "senão é uma desgraça!". A "desgraça" era que os operários estavam a preparar-se para lutar contra a polícia, e para não deixar "peça sobre pe-



ça" daquele antro que os explora. Às 18 horas, toda a gente saiu. Havia Pide por todo o lado, mas ninguém tocou nos operários.

10/2 A fábrica abriu com uma tensão enorme entre o operariado. Percebia-se que tinha havido uma vitória sobre os Alemães, e sobre a polícia. O movimento solidificava-se, criava força, as operárias e os operários preparavam-se para tudo. Sabe-se que um administrador da Grundig tinha vindo da Alemanha, de propósito para tentar resolver a questão.

Os Alemães fazem nova tentativa: "damos 50% de aumento, mas comecem imediatamente a trabalhar."

Passam-se então autênticos comícios na fábrica. Todos discutem, fazem contas e recusam em bloco essa proposta.

Novo papel dos patrões: 75% de aumento para as operárias, 50% de aumento para os operários. Na parte de baixo do comunicado diziam: "Se não resolvermos o assunto até ao meio dia, o Ministério do Interior disse que voltava a intervir!" Esta coacção foi importante e começou-se a criar divisão entre os operários, muitos dizendo que "já não estava mau".

O trabalho recomeça pouco a pouco, e no fim da manhã a fábrica funcionava inteiramente. Nesse dia e no seguinte, algumas operárias, denunciando a sua baixa politização e consciência de classe, foram oferecer flores ao SUDERMANN, porque ele tinha sido "bom" para os operários, "tinha obrigado a polícia a ir-se embora"... A maioria das operárias condenou essa atitude, dizendo que quem merecia homenagem eram os próprios operários que tinham triunfado devido à sua luta.

O resultado da luta foi: as operárias que ganhavam 40\$00 começaram a ganhar 72\$00; os operários que ganhavam 70\$00, começaram a ganhar 110\$00

-- Na RODSTEIN em Famalicão, assim que se soube da vitória em Braga, no dia 10, os 200 operários pararam imediatamente o trabalho e exigiram salários idênticos aos dos seus camaradas. Ao fim de umas horas, os Alemães cederam imediatamente.

Dias depois, a Pide fez um inquérito para meter medo ao operariado. Interrogaram os 50 operários que tinham sido escolhidos pelos seus camaradas de trabalho para ir falar com o dr. Pestana. Ameaças e interrogatórios de mais de uma hora. Mas a luta tinha sido unida, firme e justa. Ninguém se tinha salientado especialmente. E a Pide foi obrigada a abandonar a Grundig de mãos abaratas.

lições da luta



1 Os patrões, o Instituto do Trabalho e a Pide são unha com carne. Apoiam-se uns aos outros para explorar cada vez mais os operários. A Grundig passa a vida a oferecer televisões aos funcionários do Governo de quem precisa "compreensão". O Hoffmeister tem um consultor jurídico e 2 advogados, para ser instruído na maneira de melhor poder intrujar os trabalhadores;

2 Os sindicatos são aparelhos que, na maioria dos casos, fazem a colaboração descarada com os patrões, ou então deixam-se corromper e entram na traição pelas costas dos operários;

3 Os operários unidos são uma força invencível. Nem patrões, nem consultores jurídicos, nem o Governo, nem a polícia, nem o cagaço do Sindicato, consegue fazê-los ceder;

Os operários mais conscientes souberam organizar-se e dirigir o processo, souberam dirigi-lo politicamente até ao aproveitamento máximo das possibilidades legais do sindicalismo, e organizando a luta clandestina de reacção contra o patronato e a Pide;

A inexistência de uma organização clandestina por secção, impediu que fosse possível no dia dez avançar a contra proposta dos operários: "queremos estar no Sindicato dos Metalúrgicos!". Se ela tivesse sido lançada, ganhava-se com certeza. Isso obriga a um esforço cada vez maior de organização das operárias para o futuro;

Uma lição a não esquecer: é de lutar sempre por greves com ocupação do local de trabalho. Isso permite que os trabalhadores estejam sempre em contacto, que se desenvolva a solidariedade de classe, e radicaliza-se o processo. Por um lado, os patrões sentem-se obrigados a chamar a polícia; por outro, se a luta endurece, os operários podem ocupar a fábrica, sequestrar o patrão, etc.

BUFOS e COBARDES COLABORADORES

dos patrões

RODRIGUES- adjunto do Hoffmeister

MELO- chefe de secção de televisão

FORTES- mestre, adjunto do chefe de secção alemão.

É bufo e legionário.

ANTÔNIO- mestre, secção de afinação de rádios

MANUELA e ROSA- mestras. Ameaçaram as operárias.

MADUREIRA- responsável pela secção de armazém.

PIMENTA- encarregado da secção de altofalantes.

JOSÉ AUGUSTO- encarregado

VILAÇA- encarregado do laboratório.

A enfermeira- chegou a dizer que as operárias que iam desmaiadas estavam a fazer fita

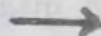


CAMARADAS:
*os amigos dos patrões
São nossos inimigos*

ESCORRACÊMO-LOS

camaradas da grundig!

Foi alcançada uma grande vitória, mas a luta tem de continuar. A nossa situação continua ilegal: o que ganhamos hoje ainda é inferior ao que tínhamos direito em 1968. Tínhamos direito a 85 e não a 72 escudos! Temos de estar atentos ao novo contrato dos Electricistas em Abril, que vai aumentar os salários para 110 e 120 escudos! Não nos deixemos cair em novas aldrabices: os patrões vão tentar baixar-nos de categoria, para não termos direito a esses salários. Obriguem os agerências a montar cantina e creche, a Grundig é obrigada a isso, mesmo pelas leis fascistas. Reivindicamos para nós a administração do C.A.T.; nós somos os sócios, nós é que governamos o nosso dinheiro, os lucros das babidas, e não o HOFFMEISTER



Se estamos no Sindicato dos Electricistas, aproveitemos esse sindicato. Não nos entreguemos de olhos fechados à direcção, forcêmo-la a tomar posições justas. Organizemo-nos clandestinamente em Comitês de Fábrica, só assim poderemos dirigir e orientar as lutas futuras até escorraçarmos de uma vez para sempre os patrões que nos exploram!

- Estejamos atentos às manobras do patrão: calcula-se que haja cerca de 150 trabalhadores que vão ser despedidos! O Hoffmeister e o Rodrigues vão dizer que é "por questões de rendimento", mas eles tentarão expulsar os camaradas que mais se evidenciaram nesta luta, e que mais lutaram pelos nossos direitos.

Sejamos vigilantes, lutemos unidos contra todas as injustiças de que são vítimas os trabalhadores!

Organizemos a violência revolucionária contra os patrões e os seus lacaios!

Viva a justa luta das operárias e dos operários da Grundig!
EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR !

**CAMARADA, ERGUE-TE
E LUTA!**



**OS PAISES QUEREM A INDEPENDÊNCIA
AS NAÇÕES QUEREM A LIBERTAÇÃO**

**A VITÓRIA
É CERTA
4 fevereiro**

**O DESPERTAR ORGANIZADO
DOS POVOS DAS COLÓNIAS**

A usurpação da terra alheia, do produto de quem trabalha e do direito dos povos e das classes exploradas dirigirem os seus interesses é roubo que se não deixa passar impunemente.

Esta verdade foi e é-nos mostrada pela resistência violenta que os povos e as classes exploradas opõem a qualquer roubo dos seus direitos.

e liberdades. O que somos hoje, trabalhadores nas nações industriais, ou nas nações colonizadas é o resultado dessa grande verdade. Antes, simples escravos vendidos em leilão lutávamos pela liberdade dos nossos corpos; hoje povo trabalhador não vendido e comprado como antigamente mas ainda escravo de leis e governos que não são nossos mas contra nós, lutamos contra a opressão e a exploração do produto do nosso trabalho.

É dentro da história dessas grandes lutas, que o 4 de Fevereiro surge. 4 de Fevereiro é o grito do povo Angolano a celebrar a agonia da burguesia portuguesa colonialista, é o exemplo magnífico onde os trabalhadores portugueses sabem encontrar o caminho.

4 de Fevereiro ultrapassa portanto as fronteiras de Angola e outras colônias, para ser também uma data nossa, a ser celebrada pelo Povo Trabalhador Português.

Desde 1961, o Povo Angolano tem demonstrado ano após ano, a sua capacidade de organizar e unir. Nisso ele encontrou a sua força, e as vitórias sobre um exército colonialista de dezenas de milhares de homens, armado e auxiliado pelos governos capitalistas de todo o mundo, são as provas mais dignas que todos os proletários reconhecem como exemplo.

NIXON NA CHINA

A China tem uma posição de grande potência. De grande potência, não no sentido burguês de país que domina e explora outros, mas sim no sentido revolucionário de possuir uma força ideológica e política contra o capitalismo, de se tratar de um país com 700 milhões de homens, e por isso mesmo com a possibilidade de se impôr ao nível mundial.

É através deste ângulo que temos de analisar a ida de Nixon ao país que hoje representa o proletariado e o estágio mais avançado da sociedade no caminho para o comunismo. Um dos maiores carrascos da História, responsável pelo massacre constante de gente do povo em dezenas de países, falou e trocou impressões com os dirigentes da Revolução mais avançada. Será isto uma questão a analisar à maneira burguesa, pensando nos interesses recíprocos das potências, nos "arranjinhos" diplomáticos elaborados às escondidas? Ou devemos nós pensar a partir do ponto de vista proletário, isto é, do ponto de vista do homem que foi sempre explorado espesinhado, e que de

VIVA A EXEMPLAR LUTA DO POVO ANGOLANO !

CONTRA O INIMIGO COMUM, OS POVOS DE ANGOLA E DE PORTUGAL CONQUISTAM A VITÓRIA COMUM !

Quatro militantes do MPLA foram presos em Angola, na região do Luso. Um deles, Saraiva de Carvalho, tinha sido alferes nos RANGERS.

Estes combatentes pela libertação do povo angolano, estão a ser barbaramente torturados pela PIDE-(DGS), estão inclusivamente a ser submetidos ao uso de drogas.

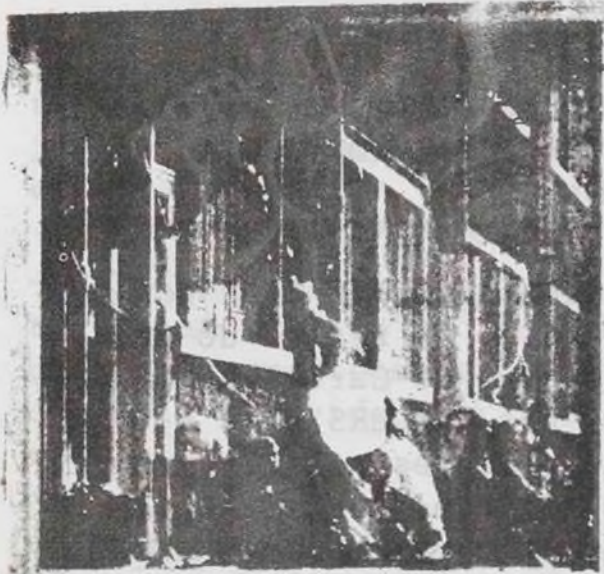
No entanto, apesar de todas as torturas e outros sistemas de repressão que os opressores utilizam, o povo é invencível e o exército colonial sofre cada vez mais derrotas.

Unamos o nosso esforço ao do povo angolano.

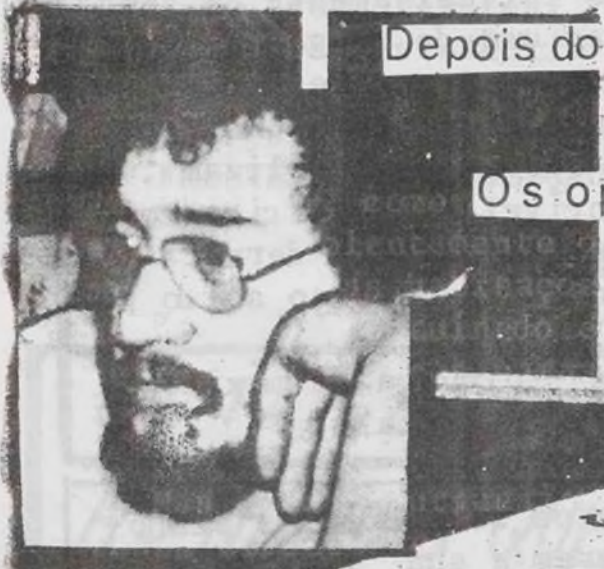
Camarada - Divulga ao máximo mais este crime fascista.

pois obriga os seus antigos senhores a aceitarem a sua liberdade e superioridade? Nós julgamos que é bem disto que se trata - Nixon na China, citando Mao Tsé Toung (!!!), sorrindo apalhadamente por tudo e por nada, cedendo em toda a linha às exigências Chinesas, reconhecendo internacionalmente os princípios de não interferência ou agressão nos conflitos internos de cada país, não é senão o patrão acobardado que tenta pôr-se de acordo com o escravo que se libertou. O que é, evidentemente, mais uma triste ilusão. Porque, não há manobras diplomáticas que possam salvar o sr. Nixon, o imperialismo, o capitalismo, da lei da luta de classes: o seu esmagamento total, o fim dos sistemas de exploração do homem pelo homem até à sociedade comunista.

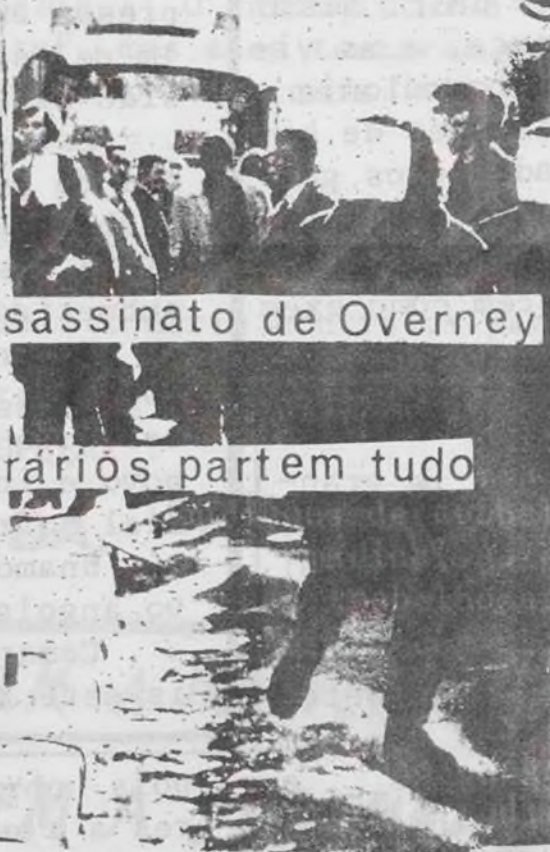
OS POVOS QUEREM A REVOLUÇÃO



Depois do assassinato de Overney



Os operários partem tudo



(Foto A.P.L.)

DIA 4 de Março 200.000 OPERÁRIOS FRANCESES E EMIGRADOS, INTELLECTUAIS, JOVENS, MULHERES, MANIFESTARAM DURANTE O ENTERRO DO OPERÁRIO PIERROT, CONTRA A REPRESSÃO, E PELO DISSOLUÇÃO DA "VOLANTE" POLÍCIA FASCISTA DENTRO DAS FABRICAS.

UM OPERÁRIO MORTO pelos cães em civil dos patrões

Dia 25 de Fevereiro, vários militantes maoístas distribuían panfletos à porta da fábrica Renault, em Boulogne.

Os panfletas chamavam os operários e os anti-fascistas a uma manifestação contra o racismo. (os trabalhadores Argelinos, Tunisianos, Portugueses e emigrados de outras nacionalidades desde há um ano que são ameaçados ou simplesmente assassinados a sangue frio, por polícias ou grupos fascistas.)

Durante a distribuição dos panfletos os militantes, antigos operários da Renault, quiseram entrar dentro da fábrica.

Um polícia em civil contratado pela direcção da Renault, puxa da pistola e em pleno coração dispara sobre um camarada.

Dois mil operários da equipa da tarde que entravam para começar a trabalhar, ao ver este assassinato, começaram a porrada com os guardas, aos polícias em civil, estendendo-se a luta até à ilha Seguin, onde os quadros (engenheiros e outros), se tinham refugiado.

À noite o Senhor Marchais (o secretário adjunto do P.C.F.) fazia um discurso em Estrasburgo, atacando os maoístas como provocadores, como cúmplices da direcção da fábrica, que Maio de 68 não se repetiria, etc...

Os permanentes da C.G.T. em Le Mans (sindicato dirigido pelo PCF) pediam, no dia seguinte, ao governo que prendesse os agitadores, os elementos que apelavam à violência e a